

SEMIÓTICA DA CIDADE HOSTIL *SEMIOTICS OF THE HOSTILE CITY*

Jéssica Cristina Figueira de Alvarenga¹; Luci Mendes de Melo Bonini²; Rosália Maria Netto Prados³

RESUMO

Estuda-se a semiótica da arquitetura fazendo-se uma reflexão sobre a cidade hostil. A cidade hostil, violenta e sem acessibilidade exclui. Há meios de controle social usados por representantes governamentais, urbanistas, arquitetos, planejadores, empreendedores e até mesmo pelos próprios moradores a fim de defender da violência criada pelos outsiders ou aqueles que deixam a cidade violenta. Por meio do octógono semiótico modeliza-se o discurso da cidade acolhedora: a cidade ideal não exclui e resguarda sua população em um todo e não somente uma parcela. Uma cidade igualitária em direitos e deveres com uma governança justa para todos seria oposto de uma cidade hostil.

Palavras-chave: Semiótica. Cidade. Arquitetura.

ABSTRACT

This papers studies the semiotics of architecture becoming a reflection on the city. Hostile city is violent and without accessibility, disempowering great part of its inhabitants. There are means of social control used by Government representatives, planners, architects, entrepreneurs and even by locals in order to defend the violence created by outsiders or those who leave the city. Through semiotic this paper shows models for the welcoming speech to the city: the ideal city does not exclude and safeguards your entire population and not only a portion. A city equally in rights and duties with a fair governance for all would be opposite of a hostile city.

Key words: Semiotic. City. Architecture.

1 INTRODUÇÃO

A semiótica é a ciência, de acordo com Santaella (1999), que objetiva o estudo das estruturas de todo e qualquer fenômeno como caso de produção de sentido e de significação, isto é, possui as linguagens possíveis como objeto de investigação. “As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem” (NÖTH & SANTAELLA, 2017, p.2).

Segundo Ferrara (1993), a comunicação não-verbal se difunde em uma macro escala pela cidade e engloba as consequências de todas as suas micro-linguagens como na urbanização, na arquitetura, na paisagem, na publicidade, no desenho industrial, sinalização viária (incluindo aqui o verbal), a moda, o impacto dos veículos no meio urbano, entre outros.

1 Arquiteta e mestrandia em Políticas Públicas pela Universidade de Mogi das Cruzes. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1872879046067287>.

2 Doutora em Semiótica pela PUC-SP, docente no Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes e docente no Mestrado em Habitação: Tecnologia e Planejamento do Instituto de Pesquisas Tecnológicas da USP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6426-218X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1281239421952609>.

3 Doutora em Linguística e Semiótica pela USP e docente no Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2138-8422>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1028299162272414>.

Ferrara (1993) diz que com a necessidade de se criar mais espaço a cidade é dominada pelo pluriespaço, como o espaço horizontal transformando-se em verticais, a cidade onde todo espaço gera outros espaços. “A cidade, enquanto texto não-verbal, é uma fonte informacional rica em estímulos criados por uma forma industrial de vida e de percepção” (FERRARA, 1993, p.19).

A área de conhecimento que é dedicada ao relacionamento dos seres humanos com o espaço e os objetos arquitetônicos é a Arquitetura e é nesta área que são produzidas e desenvolvidas as obras arquitetônicas por todas as sociedades e comunidades humanas (MATOS; SOUZA, 2010).

Matos e Souza (2010), completam dizendo que essas obras se manifestam de formas diferentes, com estilos diversificados, que variam de acordo com o período histórico, seu espaço geográfico e sua finalidade, são tipos singulares de expressão e de linguagem, em que são representados diversos grupos profissionais e sociais.

Tavares, Lucena e Leite (2014), afirmam que a arquitetura é um meio de comunicação não somente estético visual, mas, que também, atinge todos os nossos sentidos, inclusive, nossos relacionamentos interpessoais e a forma como lidamos com o mundo. Matos e Souza (2010), Tavares, Lucena e Leite (2014) concordam em dizer que a arquitetura é uma linguagem universal que é praticada por toda a humanidade.

O ato de se comunicar é inerente ao ser humano e a comunicação é a base para toda e qualquer relação humana, é possuidor de significados e expectativas, que se desenvolve em ambientes propícios á interatividades e trocas, e que, quando nos comunicamos, compartilhamos informações que acontecem independente da fala (TAVARES; LUCENA; LEITE, 2014).

O presente artigo levantará uma discussão sobre a arquitetura e a semiótica seguidamente de uma análise semiótica da cidade hostil, quando ela se torna hostil, violenta e qual seria a cidade atual e a cidade ideal.

2 ARQUITETURA E SEMIÓTICA

Segundo De Souza (2006), Pierce batiza essa nova ciência como semiótica e ele afirma uma conexão de três termos, o signo representante, o objeto, e um signo interpretante, na mente dos interpretes, capar de múltiplas transformações no contexto das dinâmicas sociais. A semiótica é a ciência mais recente das camadas das ciências humanas, teve três diferentes origens, ou sementes lançadas, segundo Santaella (1999), quase que

simultaneamente no período de tempo, mas diferentes no espaço e de diferentes criadores, uma nasce nos EUA, outra na União Soviética e outra na Europa Ocidental.

De acordo com Tavares, Lucena e Leite (2014), a necessidade de se comunicar e de se expressar foi sempre uma condição humana e a arquitetura está diretamente relacionada a essa necessidade e com o desenvolver das civilizações surgem novas demandas sociais, como essas que aproveitaram da arquitetura não somente para proteção, mas também como marco histórico, usando de detalhes estéticos que se comunicam através das épocas.

Santaella (1999), diz que a linguagem verbal anda lado a lado com uma variedade de outras formas de linguagem que, também, constituem-se em sistemas históricos e sociais de conceituação do mundo, quando se diz linguagem, é referido a uma enorme quantidade, incrivelmente complicada, de formas sociais de comunicação e de significação, que compreende a linguagem verbal articulada, mas também compreende, inclusive, a linguagens de surdos-mudos, da culinária, da moda, da arquitetura e urbanos, entre vários outros. Santaella (1999) conclui: “todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propicia hoje uma enorme difusão” (SANTAELLA, 1999, p.3).

A identidade, na arquitetura, segundo Tavares, Lucena e Leite (2014), está conectada a questões estéticas, que dependem da vida cotidiana juntamente com a paisagem do seu entorno, quando consegue-se relatar um edifício verbalmente ou quando ele é usado como referência a alguma localização, ele possui uma identidade. A arquitetura afeta o seu ambiente externo diariamente e o arquiteto cria e envia mensagens, dentro da trama do tempo e espaço, passando seus sentimentos e causando, estimulando, juntamente, emoções e razões na mente do ser humano, através de sua consciência. (TAVARES; LUCENA; LEITE, 2014)

A arquitetura, de acordo com Tavares, Lucena e Leite (2014), nos afeta fisicamente e mentalmente, afeta o que fazemos e como compartilhamos o espaço, abrangendo nossos relacionamentos, nos influencia muito além do visual. Consiste na interação e comunicação com a natureza e sociedade e nos faz pertencentes de um grupo abraçando, assim, comportamentos, atitudes e maneiras de pensar (TAVARES; LUCENA; LEITE, 2014). Na arquitetura está refletido a consciência das próprias raízes, da própria história e cultura, de um lugar. (TAVARES; LUCENA; LEITE, 2014).

Arquitetura e semiótica, segundo Monteiro (2006), se misturam, nossas construções falam por nós, a linguagem que usamos para entender o mundo define, em grande parte, a maneira como pensamos e agimos no mundo, isso porque não existe uma realidade fora dos

signos e da linguagem. “Arquitetura é linguagem e em toda a linguagem há uma arquitetura, no sentido de criação” (MONTEIRO, 2006).

3 A CIDADE E SUA HOSTILIDADE

Juntamente com o enfraquecimento de uma cultura pública urbana, de acordo com Graça (2005), vemos o fortalecer do papel “consumidor-objeto” que confirma uma importância gradativa do mercado e do consumo no funcionamento e na estruturação dos estilos de vida e das interações sociais, afastando-se assim o cidadão da vida pública e o convertendo em consumidor, e a vida urbana converte-se, assim, em um simples produto imobiliário. Desta forma, ainda de acordo com Graça (2005), podemos observar a degradação progressiva simbólica e física dos espaços urbanos.

Tavares, Lucena e Leite (2014), juntamente com Graça (2005), Smith (1979) e Harvey (2012), concordam em dizer que o homem moderno virou um consumidor nato. Diante disto o mercado entendeu que para vender, valorizar a sua imagem e sempre ser a primeira opção na cabeça de seu consumidor futuro é sempre preciso investir em tudo, incluindo aí a arquitetura e o urbanismo, que reforçam a mensagem representando vantagens no mercado dentro do sistema capitalista, que por sua vez tem dentro de suas principais características, a concorrência (TAVARES; LUCENA; LEITE, 2014).

É nas grandes cidades, de acordo com Cox e Cox (2015), que se concentram e atraem uma quantidade de pessoas indesejáveis, os chamados *dropouts* do capitalismo, que, por severas razões – alcoolismo, dependência de drogas, problemas psicológicos, abandono ou desajuste familiar, desemprego, miséria, entre outros – flagelos de toda uma sociedade que perambulam pela cidade sem um emprego, sem um lugar para morar, desprovidas dos privilégios mínimos que fariam deles cidadãos capacitados a viver, dividir e usufruir do espaço urbano (COX; COX, 2015). “Beduínos da urbe”, como Cox e Cox (2015) os chamam, estão forçados a se locomover pela cidade sem sequer ter o direito de descansar, sentar ou deitar em um banco de praça ou em um espaço vazio qualquer em áreas valorizadas da urbe (COX; COX, 2015).

As cidades atuais afugentam as pessoas que moram nela, especialmente aquelas que não são consideradas aptas a viver no espaço urbano, pelo menos nas áreas que são consideradas nobres (COX; COX, 2015). São vários os meios de controle social que são usados por representantes governamentais, urbanistas, arquitetos, planejadores, empreendedores e até mesmo pelos próprios moradores destas áreas consideradas nobres e alguns deles são evidentes e gritantes que vão desde a privatização de ruas a criação de

condomínios horizontais fechados, além destes ainda existem os shoppings centers que são, também, produtos de políticas de espaço que produzem meios de controle social que divide os consumidores por classes sociais (COX; COX, 2015).

Harvey (2012), Cox e Cox (2015) concordam ao dizer que as cidades, sob suas formas espaciais, constituem-se em fragmentos fortificados, em comunidades fechadas e espaços públicos privatizados que são mantidos sob constante vigilância. Em nível macro, fundamenta Cox e Cox (2015), tem-se a gentrificação⁴ de centros históricos que com o tempo foram se degradando e se transformaram em refúgios para a população mais empobrecida e vulnerável.

Pereira (2015) afirma que o individualismo e a insociabilidade, como problemas urbanos, são cada vez mais presentes nas cidades e são consequência do crescimento desordenado do espaço urbano e a carência de sensibilidade no ordenamento do solo, citando como exemplo o espaço público de países emergentes, que, marcados por determinações da iniciativa privada, de fundamento comercial, percam seu propósito como meio de interação e integração e de relacionamento social.

3.1 A SEMIÓTICA POR TRÁS DAS CIDADES HOSTIS

De acordo com Ferrara (1993), a cidade, como texto não-verbal, é uma rica fonte de estímulos criados por uma forma fabril de percepção e vida, ela deixa de ser vista como local abstrato reflexões projetivas, econômicas ou sociológicas para ser compreendida como imagem, espetáculo, assim, o entendimento da cidade como texto não-verbal não só completa, como também garante um fluxo informacional com seus usuários (FERRARA, 1993).

Ferrara (1993) diz que a transformação de um espaço em lugar, em uma escala macro da cidade em uma percepção de imagem, dá-se, no mínimo três segmentações:

- 1) o recorte seletivo de um fragmento de espaço entre espaços;
- 2) por ser impossível controlar esse espaço no decorrer de sua história, é necessário flagrar imagens instantâneas que funcionem como amostragem de um espaço e sugiram o próprio modo de sua percepção;
- 3) do espectador para o usuário urbano há uma evolução; de um para o outro, há menos uma questão de desenho da cidade ou de sua comunicação visual do que uma questão de imagem perceptiva, de um juízo valorativo sobre a cidade; em outras palavras, esse juízo supõe a leitura e a interpretação daquele fragmento urbano selecionado a partir da “dominante” estrutural escolhida para nortear a leitura (FERRARA, 2015, p.29)

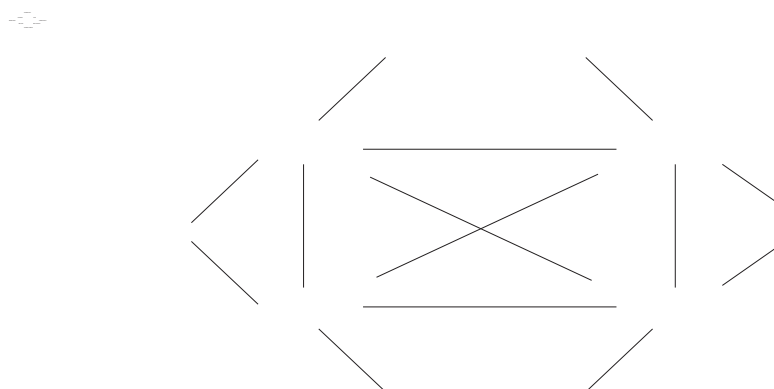
⁴ Conforme Smith (1979), gentrificação é o processo que transforma áreas de da classe trabalhadora - ou como no caso que explica Cox e Cox (2015) em centros históricos ocupados pela população empobrecida – em bairros de classe média através da revitalização.

De acordo com Ferrara (1993) com base na percepção do usuário, as transmutações de um espaço em lugar pressupõem descreditar a cidade como espaço banal.

A cidade atual é ao mesmo tempo acolhedora e hostil, ao mesmo tempo que ela acolhe uma parcela da população ela exclui e hostiliza outra – a população de baixa renda. Simmel em 1903, já dizia que os problemas que são mais graves na vida moderna, daquela época, já derivavam da reivindicação que o indivíduo faz resguardar a sua individualidade e autonomia de sua existência perante irrefutáveis forças sociais de herança histórica e da cultura externa. Pereira (2015), em estudos mais recentes, diz quase a mesma coisa quando afirma que a insociabilidade e o individualismo, como problemas urbanos, são resultantes do crescimento desordenado do espaço urbano.

As mesmas cidades que acolhem são as que excluem e hostilizam, essas cidade são as grandes metrópoles que ao garantir certas vantagens à população que consegue pagar por elas, exclui a parte que não consegue adquiri-las, isso em relação a quase tudo, como habitação, educação, saúde, infraestrutura urbana, porque mesmo que a governança dê o básico este básico, muitas vezes, não é o suficiente. A cidade hostil não é acolhedora ela exclui os menos afortunados, ela é uma consequência da cidade atual em que vivemos, é consequência do capitalismo que exclui. A cidade violenta não acolhe e não hostiliza, ela é resultado da cidade hostil que só exclui e não resguarda uma boa parcela de seus habitantes, todos os autores aqui já citados chegam nesta conclusão.

Figura 1 Octógono semiótico



A cidade ideal, utópica seria acolhedora e não hostil, não excluiria e resguardaria sua população em um todo e não somente uma parcela. Uma cidade igualitária em direitos e deveres, uma governança justa para todos. Onde todos, sem discriminação de classe social, gênero, raça, religião, teriam acessos as necessidades básicas, como saúde, educação,

moradia, infraestrutura urbana (iluminação urbana, esgoto sanitário, ruas, mobiliário urbano...) de modo igualitário e justo.

5 Considerações finais

A arquitetura e o urbanismo também são linguagens, a usamos para entender o mundo como ele é, eles são uma representação do que é a sociedade, com o seu contexto histórico, são uma criação humana na qual a linguagem não-verbal está presente. A urbe é um conjunto de edificações construídas pelo homem, logo a cidade é linguagem e tem signos e significação.

Além do direito ao acesso daquilo que já existe, está o direito à cidade, que é o direito de modificar a cidade conforme nosso desejo íntimo (HARVEY et al., 2009). O direito a cidade é o direito a condições básicas de vida, como saneamento básico, acesso a rede pública de saúde, educação, moradia, infraestrutura urbana, é acima de tudo o direito de ter uma vida digna independente da sua classe social, raça, religião, gênero, é habitat em harmonia com o meio ambiente.

Harvey et al. (2009), completa dizendo que o capital não deve ditar o que as nossas cidades devem ou não ser e que vale a pena lutar pelo direito da cidade e que esse direito deveria ser intransmissível e que a liberdade da cidade ainda irá ser encontrada.

Atualmente as metrópoles são aquelas que ao mesmo tempo acolhem e excluem seus habitantes, isso porque ao mesmo tempo que ela oferece regalias a uma parte da população que anda junto com o capital, ela exclui aqueles que não tem condições de caminhar junto com o capital. Existem várias maneiras de exclusão, desde o uso da arquitetura como obra hostil – aquelas onde as pessoas menos abastadas são impedidas de entrar, como shoppings centres que atendem a pessoas de classe alta ou média, ruas que são fechadas e transformadas em condomínios, colocação, pelas lojas de centros revitalizados, de meios que impedem pessoas que moram nas ruas de sentar, entre outras coisas – até o processo de gentrificação de lugares, que antes eram deteriorados pelo tempo ou até mesmo locados ou tomados por pessoas da classe trabalhadora, e que depois do processo se torna locais onde o imobiliário é valorizado e que por consequência os antigos residentes são forçados a sair por não conseguirem mais habitar monetariamente aquele local.

Como consequência das metrópoles atuais temos a cidade hostil, ela não é de forma nenhuma acolhedora, nem com os mais afortunados e nem com os menos afortunados, ela simplesmente exclui, sem distinção e, conseqüentemente, ela se torna uma cidade da violência, onde ela não é acolhedora e também não hostiliza, ela não é nada no meio de tudo,

ela é tomada pela violência e o desespero de todos, ela é largada ao ócio, a criminalidade e a perda da dignidade humana.

Não podemos deixar que a cidade da violência impere, mas não cabe somente a nós correr atrás do direito da cidade, cabe, uma grande parcela, aos governantes garantir que esse direito seja respeitado.

REFERÊNCIAS

COX, Maria Inês Pagliarini; COX, Elisa Pagliarini. Interdições ao corpo no corpo da cidade: arquitetura, urbanismo, discurso e controle social. **Linguasagem**, v. 24, n. 1, 2015.

DE SOUZA, Licia Soares. **Introdução às teorias semióticas**. Vozes, 2006.

FERRARA, Lucrecia D.'Aléssio. **Leitura sem palavras**. Ática, 1993.

GRAÇA, Miguel Silva. Espaços públicos e uso colectivo de espaços privados. **Faculdade de Arquitectura e Design da Universidade Independente**, Lisboa, Universidade Independente, v. 20, 2005.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas Sociais**. n. 29, p. 73-89, 2012

_____, David et al. A liberdade da cidade. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 26, p. 09-18, 2009.

MONTEIRO, Marcos Rafael. Notas para a construção de um diálogo entre a arquitetura e a semiótica. **Dissertação de Mestrado**. Universidade de Brasília. 2006. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3333/1/2006_Marcos%20Rafael%20Monteiro.pdf. Acessado em 03.03.2018.

MATOS, Luana Marinho; SOUZA, Richard Perassi Luiz de; AFONSO, Sonia, GOMES, Luiz Salomão R. Semiótica peirciana aplicada à leitura da representação arquitetônica. **São Paulo: USJT**, 2010. Disponível em: http://www.usjt.br/arq.urb/numero_04/arqurb4_07_luana.pdf. Acesso em: 03.03.2017.

NÖTH, Winfried & SANTAELLA, Lucia. **Introdução à semiótica**: passo a passo para compreender os signos e a significação. São Paulo: Paulus, 2017

PEREIRA, Cássia Correa. Arte e a condição de urbanidade. In: **1º Colóquio Internacional de História cultural da cidade**, Sandra Jatahy Pesavento, p. 162-178, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/12CDCassiaCorreaPereira.pdf> Acesso em 25 de novembro de 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense, 1999.

SIMMEL, Georg. **The metropolis and mental life**. New York: Free Press pp.409-424. 1903.

SMITH, Neil. Toward a theory of gentrification a back to the city movement by capital, not people. **Journal of the American Planning Association**, v. 45, n. 4, p. 538-548, 1979.

TAVARES, Darlane; LUCENA, Adriana; LEITE, Sandra Nunes. Arquitetura é Comunicação. In: **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 2014, João Pessoa, Paraíba. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0338-1.pdf> Acesso em 20 de novembro de 2017.